


Voos e pousos nas janelas existenciais da Educación Ambiental

Flights and landings in the existential windows of Environmental Education

Angelica Cosenza¹ , Celso Sanchez² , Fatima Elizabeti Marcomin³ ,
Marco Barzano⁴ , Mauro Guimarães⁵ , Michèle Sato⁶  e Philippe

Layrargues⁷ . 1. Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, 2. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, 3. UNISUL, 4. Universidade Estadual de Feira de Santana,-UEFS, 5. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ, 6. Universidade Federal do Mato Grosso-UFGM, 7. Universidade de Brasília-UnB (Brasil)

Resumo

Este artigo é um ensaio vivido na existência eloquente num momento de pandemia. Das vagas horas de solidão, do adiamento do abraço e por vezes do desespero em testemunhar a ruína planetária perante o desastre que a própria humanidade criou, acreditando que o capitalismo fosse a grande solução. Para além do mercado, as vidas não têm preço, independentemente das cores que possuam. E é enorme a contribuição da educação ambiental à ressignificação de uma nova humanidade.

Astract

This article is an essay lived in eloquent existence in a pandemic moment. From the vague hours of loneliness, the postponement of the embrace and sometimes the desperation to witness the planetary ruin in the face of the disaster that humanity itself created, believing that capitalism was the great solution. Much more than market, lives are priceless, regardless of the colours they have. And the contribution of environmental education to the resignification of a new humanity is enormous.

Palavras chave

Educación ambiental; Pandemia; Capitalismo.

Key-words

Environmental education; Pandemic; Capitalism.

*Quando tantos números nos trazem a morte,
é a vida que sobressai!
Quando tantas notícias qualitativas denunciam
a morte,
é a política que sobressai!*

O aforismo acima é uma tentativa de não dissociar saúde e política, ou natureza e humanidade. Somos todos/as como um tecido complexo, bordado por alguns fios e algumas tramas, com cores de um lado, mas também com ausência delas de outro lado. Nosso texto é uma reflexão de algum momento vivido, que pode se transmutar como os contextos de uma doença pulsante em nosso planeta.

O isolamento social forçado na pandemia Covid-19 (*Coronavirus Disease 19*), originária pelo novo Coronavírus, mostra-nos que os números da economia nada mais são do que a vida humana em movimento, quantificando seus fluxos de produção e consumo. E para além da quantidade, aquilo que os números não expressam sobre o trauma de trabalhadores da saúde, o abismo social que se revela mais aguçado, as violações de direitos dos humanos e da Terra, além do desassossego psicológico de todos/as nós.

Não há razão, neste tecido global, em opor economia à saúde humana. Contudo, é preciso questionar por que as pressões econômicas se sobrepõem ao risco da vida humana. A crise nos mostra que

em nossa sociedade, que tudo separa e hierarquiza, a economia e seu crescimento se colocam, acima de tudo, ao ponto de esquecermos que a economia só existe pela vida humana em movimento. A vida sem movimento é a morte da economia!

A rápida disseminação do vírus demonstra um dos mais dramáticos limites da economia baseada no capitalismo global: a transnacionalização da produção, a circulação intensa de mercadorias, valores, pessoas e seres não humanos, assim como a desproteção social em saúde, educação, serviços e bens ambientais. O contágio situa a humanidade diante da barbárie dos lucros exorbitantes das corporações, da riqueza de bilionários/as e da incapacidade dos Estados nacionais, capturados pela classe dominante, de preservar as vidas das massas populares.

Neste mundo, a riqueza e sua concentração passaram a ser o principal valor e para manter esta riqueza concentrada na mão de poucos/as, a Economia, como Ciência, passa a ser uma ferramenta fundamental para estabelecer a separação e hierarquia daqueles/as que podem mais.

Com isso, a Economia passa a ser tão valorizada quanto as Ciências que fornecem tecnologia, ambas são suportes à produção e ao consumo, alimentadoras da geração de riqueza para uma elite privilegiada. Neste período do “*Capitaloceno*” (MOORE, 2016), a

economia passou a ser o marco ideal da felicidade humana, e o seu crescimento tornou-se mais importante que a vida.

A Economia esquece que é uma Ciência das áreas Humanas e Sociais e, com isso, o risco dos/as Economistas deixarem de ser, antes de tudo, humanistas. A Economia se desumaniza e seus/suas economistas passam a ser meras ferramentas de números exatos, para controle e domínio daqueles/as que hoje já podem mais sob tantos/as que podem tão pouco. Provendo riqueza a poucos/as, números e poder passam a tomar o lugar da preservação da vida humana. É possível que ela seja matematicamente proveitosa, mas da forma como se apresenta tornou-se socialmente injusta.

Para LOWY (2020: 11-12), a natureza do problema que inclui a economia é cruelmente ilustrada pelo comportamento dos governos, *“todos eles (com raríssimas exceções) a serviço da acumulação de capital, das multinacionais, da oligarquia fóssil, da mercantilização geral e do livre comércio”*. Alguns governantes *“são abertamente ecocidas e negacionistas do clima”*, participando, desse modo, do exercício de uma necropolítica a serviço da destruição planetária.

O momento político, no qual emerge a pandemia, é, sem dúvida, complexo e obriga aos gritos, que empregados no sentido conferido por WALSH (2017),

pode conformar rachaduras e rupturas na ordem e nos padrões de poder, transição e revolução para nos distanciarmos do neoliberalismo que afeta, sobretudo, os países do Sul. Para essa autora, uma nova compreensão emerge dos modos de ser, dos processos de luta, dos povos afrodiáspóricos, ameríndios, subalternizados.

Assim, desde o Sul, os gritos de que nos fala WALSH tomam parte de um espanto frente ao sistema capitalista/colonial/patriarcal que, para ela, está matando a todos/as, frente à desesperança, a quem e como produzir pensamentos, ações, lutas. Os gritos assim ganham novos contornos e sentidos pedagógicos enquanto mecanismos, estratégias e ações de luta, rebeldia, resistência, desobediência, insurgência, ruptura e transgressão ante a condição imposta de silenciamento e de silêncios.

Nesse sentido, faz-se urgente a produção de gritos em campos desguarnecidos de proteção social pelo grande capital, pois sem a ampliação em investimentos em saúde, educação e proteção ambiental, estaremos condenados/as a sucumbir em crises socioambientais que se acentuam cada vez mais, com efeitos severos à saúde de todo o planeta.

As ameaças à educação brasileira, incorporando aquelas atualíssimas advindas das estratégias de controle da

pandemia, exigem a publicização e o debate público; exigem, portanto, que gritemos. A luta por escolas públicas democráticas, inclusivas, laicas, e com liberdade de ensinar, depende de tais gritos para defender projetos radicalmente democráticos ante ao desmonte que, no dizer de CÁSSIO (2019), ganha contorno de barbárie enquanto impulso destrutivo.

Uma das faces da barbárie é aquela com forte responsabilidade sobre a pandemia Covid-19: a antiecológica. LAYRARGUES (2017) aponta que o cenário antiecológico advém de um conjunto de práticas que envolvem a degradação ambiental, os conflitos socioambientais, o desmonte da gestão ambiental governamental, a alteração de marcos regulatórios da legislação ambiental, a retórica desqualificadora das *ethos* ecologistas, as ameaças jurídicas e de integridade física até o assassinato de lideranças ambientais.

O antiecológismo parte de intenções negacionistas e ecocidas, dos interesses da acumulação de capital e pode produzir crises socioambientais que se acentuam cada vez mais, provendo pandemias, colapsos climáticos e outros severos riscos à saúde de todo o planeta. Nesse aspecto, o quadro antiecológico da barbárie aponta para riscos de fragilização ao enfrentamento à questão e à educação ambiental no Brasil.

Por endossar o discurso de desacelerar, frear o ritmo com o qual vivemos e mudar a rota dos modos de produção e vida, o ecologismo foi sempre qualificado como um entrave ao desenvolvimento e o discurso antiecológista sempre retomou a clássica oposição entre economia e ecologia, cuja justificativa repousa sobre a importância do extrativismo como condição necessária à retomada do crescimento econômico, associado à ideia da distribuição da riqueza gerada com a apropriação dos recursos naturais (LAYRARGUES, 2017).

O que o novo Coronavírus nos traz no atual quadro de degradação da vida -baseado em valores como o patriarcado, o individualismo, a competitividade, a exclusão, a produção e o consumo exacerbados- poderá ser revisto a partir de uma nova ética, que busque romper com todo um sistema de valores que marca a política, a ciência, a educação e a cultura. Segundo LATOUR (2020: 8), *“agora é que é a hora de fazer o balanço de fim de ano. À exigência do bom senso: Retomemos a produção o mais rápido possível, temos de responder com um grito: ‘De jeito nenhum!’.* A última coisa a fazer seria voltar a fazer tudo o que fizemos antes”. O que queremos e o que não queremos ver renascer neste mundo após retomada? É o convite que LATOUR nos faz.

E desde já recapitemos os gritos e as gretas de que nos fala WALSH (2017) para

imprimir novo marco contra toda forma de necropolítica que massacra os direitos sociais e nos empurra ao chão. Aqui e ali será preciso voltar a esses gritos, a essas produções de fissuras e gretas no amplo campo da educação e na educação ambiental, como possibilidade para modos de vida transgressores a gerar sementes de vida *“que dan sustento y andanza a lãs esperanzas pequeñas, esperanzas que cuando empiezan a hablarse, aliarse y tejerse entre ellas, se hacen más fuertes y más imparables em su alentar, crecer y caminar”* (WALSH, 2017:38).

As pedagogias da resistência afirmadas no direito à educação e no direito ao ambiente serão mais do que nunca necessárias nas lutas contra os interesses ultraliberais e ultrarreacionários. Rever os sentidos que tomam parte da conjuntura pré-crise, quais sejam: antiecológica, antiescola, anti-intelectualismo, negacionismo, misoginia, dentre outros, é fundamental à tessitura de compromisso ético-político-pedagógico nos campos educativo e ambiental, anunciando a radicalidade da luta anticapitalista como asas a sinalizar pertencimentos para além do capital.

Nesse sentido, alarga-se fundamentalmente a necessidade de fundar uma perspectiva de vida que privilegie definitivamente a saúde do ser humano em detrimento do viés econômico. Caso contrário, deixaremos que um vírus seja o pretexto para o abandono do senso

de humanidade para, no seu lugar, implantar-se a barbárie, como algumas lideranças da necropolítica governamental ousaram implantar com a vergonhosa proposta da *“imunidade de rebanho”* -como se gado fôssemos!-. Barbárie invocada, escondida entre meios de não se comprometer a “saúde” econômica em função da estratégia do isolamento social, mesmo que à custa do sacrifício de uma enormidade de humanos.

Sim, este é o limiar crítico e derradeiro que por pouco foi ultrapassado. Quem não poderia padecer sufocado sem respirar seria a economia e não o ser humano, como se não fosse possível imaginar -e exigir- a existência de um Estado de Bem-Estar Social, provedor de uma renda mínima garantidora da sobrevivência humana, no lugar do Estado ultra-neoliberal que se apequena e se curva servilmente ao deus mercado.

Uma nova ordem tem se revelado no cotidiano das cidades. Nunca as janelas, sacadas e varandas foram tão expressivas e importantes! Dentro delas, e a partir delas, presenciamos inúmeros gestos de carinho, solidariedade, respeito e musicalidade; gritos sufocados. Transformaram-se nas praças públicas de nossas manifestações de rebeldia, horror, dor e amor. Palco de painelações e de sinergia aproximaram pessoas para entender, ver e conhecer uma pandemia no início do século XXI.

Vivemos um momento de franco desejo. Desejamos a atenção, o olhar, o abraço, o “outro”. Esse “outro” nunca pareceu tão parte de nós e, ao mesmo tempo, tão distante! E, como diria MERLEAU-PONTY (2012: 219), *“todo outro é um outro eu mesmo”*.

Um simples abraço nunca nos foi tão caro, preciosidade em tempos de pandemia. E como na letra da música da banda Jota QUEST (2014): *“o melhor lugar no mundo é dentro de um abraço”*. Passamos a entender, mais de perto, a (in) sustentabilidade do ato de abraçar. Como é inspirador um abraço! Pode ser forte, chamando-nos a reagir; pode ser doce como um afeto; pode ser suave como um breve cumprimento; longo para “matar” a saudade; seja como for: o abraço nos humaniza e caracteriza a humanidade.

O ano de 2020 será marcado, na história humana, pelo lapso temporal em que a Terra parou para a Ciência combater um ser microscópico; as pessoas se recolhem dentro de casa e, ao saírem – mascaradas – pelas ruas, estão impedidas de manifestar afeto por meio de um abraço.

As janelas, sacadas e varandas não nos devolveram abraços, mas, têm sido nossos braços e colos com o entorno, com a vizinhança que desconhecíamos, com o mundo que parecia distante em função do atropelamento dos processos de globalização. Como espaços, elas nos

receberam e acolheram, calmamente, para diferentes revelações. Simples, sinceras, amáveis, silenciosas, luminosas, tecnológicas, musicais, poéticas, permitiram-nos sentir o vazio, a solidão, o medo, o silêncio, o afeto...

Como “palcos”, em diferentes lugares do mundo, as praças, ruas, jardins, parques, avenidas poetaram com o silêncio, o vazio e o deserto. Nas ruas, a presença mórbida de morte. As calçadas, vazias, nunca estiveram tão largas, largadas e alargadas pelo silêncio. Mas, não nos iludamos, o ruído cedeu lugar ao som e o silêncio, quando presente, pode ser dor e cor. Cor como explosão de vida e amor. Sol e chuva trouxeram vida nesses tempos tão difíceis!

Das janelas, sacadas e varandas, oferecedoras de um mundo circunscrito e restrito vêm o tempo, “o outro” (MERLEAU-PONTY, 2006). Do outro lado, distante, vimos o anoitecer solitário, ou musicalizado, uma necessidade real de distanciamento de humanos. No dia em que “a Terra parou”, como diriam Raul SEIXAS e Cláudio ROBERTO (1977), não estávamos preparados para a pausa, o silêncio, o vazio de gente e o vazio da gente em nós.

As transmissões ao vivo tomaram conta dos tempos de muitos/as; e assim a arte contamina o silêncio e quebra a timidez do tempo, rompe o ar, atinge as janelas, as sacadas, as varandas, as salas, os

espaços humanos. Os cantos de casa; a casa como nosso lugar do mundo, salienta BACHELARD (2008) em seu clássico *“A poética do espaço”*, e nos faz recuperar o “gosto” de estar em casa, revisitando espaços e objetos de nossa história. Brotando saudades de pessoas, de momentos, de lembranças, de alguns sons.

No momento, vivemos plugados no mundo virtual 10-12 horas por dia, no mínimo, todos os dias. Agora sabemos o que é excesso! Excesso de máquina e falta de gente. Gente no plano físico e espiritual. Estar perto, conversar, olhar, abraçar, sentir e transcender.

Percursos labirínticos entre economia e saúde nos deixam atordoados/as. A economia impondo-se como prioridade e a saúde, refém desta, tentando justificar-se como essencial. Razão e emoção confundem-se e tentam explicar o inexplicável. Pessoas acometidas gravemente pela Covid-19, desabafos de seres humanos que clamam por vagas para outros humanos à espera de um respirador, um leito. Perplexos/as, “assistimos”, ainda mais horrorizados, a corpos amontoados, depositados em calçadas, em câmaras frias pelo mundo, ensacados em corredores de hospital, ao lado do leito de pessoas doentes, transladados em caminhões rumo à cremação.

Corpos extraviados, confundidos: a cruel espera, sem velório, por um carro funerário, uma cova -mesmo sem lápide, sem epitáfio- um espaço. Uma resistente insistência por um lugar no mundo. A resistência também adquiriu outro significado. Não basta resistir em favor da vida. Agora, a morte também requer uma causa de resistência: o direito de despedir-se, “embalar o corpo”, “acolher a alma”. Na concepção MERLEAU-PONTYANA (2013), *“o corpo é para a alma seu espaço natal [...]”* (p. 37). Independentemente das diferentes crenças humanas, devemos “aninhar” com respeito e amor os seres sem vida “física” em um lugar de dignidade. Assim, também, para além dessa resistência, deveremos almejar a resistência que transforma. Para SANTOS (2019), nenhuma resistência é possível sem esperança e alegria, *“[...] sinais vitais de que a injustiça pode ser vencida [...]”* (pp. 148-149). A disparidade social acentua-se visivelmente na falta de condições de dar alento e paz. Cenários díspares. Silêncio e revolta.

O Coronavírus mata pelo agravamento dos sintomas da doença, mas, também, pela fome de seres isolados, pelo desemprego, pela falta de um teto, pelo silêncio e pela omissão. Nunca a “falta” formou aliança tão fortemente com um vírus e levou jovens, adultos, idosos/as para sacos fúnebres, câmaras frias, valas comuns, covas no solo, sem familiares, amigos/as, sem flores, sem homenagens. Assim, a “Escolha de Sofia”

(STYRON, 2012) -uma realidade marcada pelo horror- traz em cena a escolha de quem morre e quem vive.

A vulnerabilidade “sanitária”, expressa pelas desigualdades, está evidente, escancarada, dividindo ainda mais uma sociedade dividida. Uma população vulnerável, resiliente cotidianamente, resiste e insiste em buscar socorro, ainda mais exposta à falta de condições de isolar-se, higienizar-se e proteger-se contra a invisibilidade de um vírus.

Um vírus, de forma arrebatadora, agressiva, domina o mundo, tornando-nos reféns. O ser potente, invisível, rápido, ainda assim parece “presentear-nos”, já que pode ser destruído por água e sabão. Água e sabão! Pasmem! Ainda assim, faltam em inúmeros lares por todo o país e em diversos lugares do mundo.

Da noite para o dia, como cidadãos/ãs com acesso, passamos a repetidas seções de higiene das mãos, a nos “besuntar” com álcool em gel, a tirar e a lavar “vestimenta” imediatamente ao chegar em casa, a tomar banhos repetidos, a esterilizar as compras. Uma prática necessária, mas não democrática e, portanto, excludente. Números revelam que milhões de pessoas há muito tempo já não têm acesso a essas medidas protetivas e, dessa forma, o vírus invisível promoveu a acentuada visibilidade daquilo que até então já parecia tão natural.

Na sociedade em que a atividade de consumo é a “principal tarefa de um cidadão” (BAUMAN, 2014:24), mediante a “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001) -como consumidores/as vorazes- o susto é reconhecer que para grande parte da população, na sua maioria negra e pobre, essas medidas estão distantes de sua realidade -sem condições de higienização e isolamento- ou na contramão disso, inexistem como habitantes residenciais, pois são seres humanos habitantes das ruas e, no contraste, nunca ricos e pobres tiveram tantas aulas de como lavar/higienizar, corretamente, as mãos. As máscaras, de pano, passaram a compor nossa vestimenta, virou acessório estético do nosso corpo. Faz-se agora necessário, portanto, empreender atitudes altruístas e inventar outros modos de uso, ou seja, não apenas para se proteger, mas para contribuir com a renda de muitas pessoas que atravessam um momento muito delicado no que se refere ao mínimo de sua economia.

O capitalismo é cruel e rápido e as lojas já estão oferecendo máscaras caríssimas, com tecidos *fashion*, bordados com lantejoulas e acessórios burgueses que novamente demarcam perfis sociais diferenciados, com mais facilidade em revelar o abismo social entre as máscaras de proteção (RABIMOV, 2020).

Um divisor social permanece em um estado *continuum*. Catadores/as de

material reciclável permanecem coletando sem luvas, máscaras ou qualquer outro dispositivo de segurança. A pandemia fez emergir, também, outra realidade: o resíduo humano foi alterado em quantidade e qualidade. E, no contexto atual, ao revirar o lixo, catadores/as expõem-se gravemente ao vírus. E, ainda assim, enchem-se de coragem para “catar”. A exclusão e vulnerabilidade escancaram-se profundamente.

A sociedade humana está profundamente contraditória. Nunca a vida esteve tão confusa, assustadora, incerta, vulnerável, distante de qualquer noção de controle. Se imaginávamos, em nossos mais leves insights, que teríamos o controle total sobre algo ou alguma coisa, estávamos severamente iludidos. As incertezas trouxeram morte, isolamento, solidão, desemprego, stress, depressão e, mesmo por alguns instantes, sequer conseguimos refletir acerca de nós mesmos/as. Nosso lugar na Terra e, por consequência, também no cosmo. Como um prelúdio de nossa possível transmutação “[...] como seres cósmicos abertos para o mundo [...]” (PEREIRA, 2016:94).

A invisibilidade do vírus nos expõe e nos aproxima dele, já que permeia a (in) visibilidade das pessoas. A vulnerabilidade humana, inexorável contradição, expõe todos/as aqueles/as que buscam a equidade no acesso aos sistemas de saúde, tão desiguais e, ao mesmo tempo,

torna profissionais, também, vítimas de um sistema que está em colapso e colapsando vários estados e cidades do país.

A vulnerabilidade se camufla e se desloca entre os mais pobres. O Coronavírus não é democrático, ele é capitalista: embora atinja a todos, ele mata os que estão na geografia da fome (SATO, 2020). Mulheres sofrem mais do que os homens, velhos são mais atingidos do que os jovens, “trabalhadores essenciais” não podem se dar ao luxo de “ficar em casa”, nunca tivemos tantos óbitos dos trabalhadores/as da saúde, e o índice de mortes é muito maior na cartografia da injustiça pandêmica.

Caso pare no ar uma sensação de perda, um olhar mais atento nos revelará múltiplos meandros. Reconheçamos os olhares distantes, transmutados em sentimentos do ser imediato; de contratempos, que forcem o exercício da espera e da escuta; de experiências outras; de histórias reveladoras; de surpresas; de desencontros; de novos formatos e estilos de encontros.

Tanto a mudar, difícil mudar a sociedade e a nós mesmos/as. Consideramos ingenuamente perfeitos/as, sem necessidade alguma de mudança. Nesses momentos, descerebrados/as e insensíveis, ainda não aprendemos que mudar é vital! É para agora, para já.

Mas, se na intimidade de nossas janelas, sacadas e varandas nos perdemos olhando os vizinhos, o céu, a paisagem, também buscamos por um “milagre”, pela eficiência da ciência por medicamentos e vacinas, e então nos reconhecemos ricos, pois há humanos sem janelas, sacadas, varandas e sem esperança. Há muito tempo, em 1961, Paulo FREIRE publicou a “pedagogia do oprimido” e alegou que a esperança não pode ser um simples cruzar de braços: *“Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”* (FREIRE, 1970:47). Este genuíno sentido da esperança, simultaneamente na luta e na espera, hoje traz um sentido eloquente em tempos de pandemia, uma vez que as janelas, sacadas e varandas expressam o esperar por uma nova humanidade. São alternativas do grito que incorporam a luta na resignificação da morada, como se a casa fosse o palco da resistência e da genuína política de autoridade social.

Uma certeza parece anunciar-se em todos os cantos e recantos recuperados de nossas casas/lares/almas: nunca mais seremos os mesmos. Nunca mais seremos iguais ao que fomos ontem e, portanto, seremos mesmo uma constante *“metamorfose ambulante”*, como nos alertou Raul SEIXAS (1973). Todo ser humano faz e fará falta para alguém, mesmo os/as aparentes esquecidos/as, vulneráveis e invisibilizados/as.

A ira deverá ceder espaço à serenidade; a falta de vontade, à coragem; o medo, à fé; a tristeza à esperança e o vazio, ao amor que preenche a todos/as. Como mantra teremos, inexoravelmente, de escrever outra página na história da humanidade: dependemos uns/umas dos/das outros/as e juntos/as seremos mais fortes, sempre, em qualquer luta. Seja ela contra o vírus ou contra a invisibilidade e vulnerabilidade que desagrega e adoce, de todas as formas, a sociedade humana. Como ARENDT (2008), *“mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação [...]”* (p. 9) e essa iluminação pode prover da *“luz incerta” que alguns seres humanos “[...] farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra [...]”* (p. 9).

Queremos emergir em uma sociedade integradora, ética, altruísta, justa, amorosa, os afetos em todas as formas de manifestação e compreensão. O *“corazonar”* na concepção de SANTOS (2019); *“criar o amor, preservar o amor”* como anuncia BRANDÃO (2005:48); os *“confetos”* –misturas de conceitos e afetos (SATO, GAUTHIER e PARIGIPE, 2005), poderão conduzir-nos a uma existência pacífica no planeta e, acreditamos, no cosmo.

Corazonar é um sentir-pensar que junta tudo aquilo que as dicotomias separam. [...]. Corazonar é o ato de construir pontes entre emoções/

afetos, por um lado, e conhecimentos/razões, por outro. [...] Corazonar significa assumir uma responsabilidade pessoal acrescida de entender e mudar o mundo. [...] é um agir criativo que visa à resolução de problemas (Santos, 2019:154-155, grifos do autor).

Como a planta, que se aperta na calçada e tenta crescer e vencer nas gretas, a dureza e a solidez (BACHELARD, 2013) do piso e a maciez do vegetal contrastam-se; buscase a força com delicadeza, para persistir e lutar em favor da vida. Persistência para buscar maior equidade, extraindo as distâncias entre desiguais, destituindo as elites opressoras e humanizando-as, como habitantes enamorados da TERRA. E, assim, o “visível” e o “invisível” (MERLEAU-PONTY, 2006) confluem para um universo de existência transcendental e amorosa.

E, enfim, todos os seres terão não apenas janelas, sacadas e varandas, físicas e/ou metafóricas, mas lares. E estes serão os espaços genuínos dos festejos, das orações, dos credos, das artes, das amizades, das famílias, dos amores, da paz, da serenidade, do triunfo sobre o horror e a dor, do enaltecimento da vida e do AMOR; um grito para alçar voos acolhedores, por asas que abraçam e cuidam.

A escolha no mundo capitalista/colonial/patriarcal não nos dá saída. Entre uma

economia sufocante e um vírus que sufoca, estamos entregues à própria sorte. Infelizmente, a parada na economia vem sendo vista hegemonicamente como uma paralisia incapacitante e não como uma pausa desta tresloucada ciranda econômica sem fim. Não conseguimos respirar! E não conseguimos impedir as mortes de meninos negros que caem de prédios racistas, preconceituosos e de enorme abismo social.

É indiscutível que hoje a pandemia abre uma janela de oportunidades para o futuro, mostrando a necessidade de novos modos de ser e existir neste mundo, em que a humanidade já expôs sua face destrutiva por tempo demais. Chega! O “novo normal” pós-pandêmico precisa respirar ares com menos desigualdade de classe, gênero e raça, com mais inteireza entre humanos e natureza.

A mudança é essencial à nossa própria existência, pois o retorno ao que éramos antes irá causar outras pandemias, talvez mais avassaladoras e mortais que a Covid-19. É preciso reaprender a cuidar da Terra sem a obstinação mercadológica que tem condenado a todos a viver em meio a ameaças, desastres e colapsos climáticos. Mudar os hábitos alimentares, cuidar de outras vidas não somente humanas, espalhar meios e recursos de higienização, diminuir a emissão dos gases de efeito estufa, valorizar as pesquisas científicas, promover a educação gratuita

e, sobremaneira, frear as violências civilizatórias e ambientais.

Será necessário fazer do caos pandêmico a nossa lição para abrir novas janelas e ressignificar a humanidade. Uma civilização que assopre justiça pelas mãos da educação ambiental, como um pássaro que pousa na varanda cansado da luta, mas que, após o abrigo, estende suas asas na coragem do voo sob a cintilância da aurora. Daquele que viu o avesso do sol entre tantas mortes, ossos e caos... Contudo, sem temer a balbúrdia, o pássaro educador ambiental busca a coragem de reconstruir este planeta cantando alto pela ESPERANÇA!

Referências bibliográficas

- Arendt, H. (2008). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes (Coleção Tópicos).
- Bachelard, G. (2013). *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre imaginação de forças*. (4ª ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes (Coleção biblioteca do pensamento moderno).
- Bauman, Z. (2014). Para uma teoria da privacidade e da impenetrabilidade humanas, ou expondo as formas esquivas do mal. En Z. Bauman, & L. Donkis. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida* (pp. 20-24). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brandão, C. R. (2005). *As flores de abril: movimentos sociais e educação ambiental*. Campinas, São Paulo: Autores Associados.
- Cássio, F. (2019). Apresentação. Desbarbarizar a Educação. En F. Cassio. *Educação contra a Barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar* (pp. 15-24). (1ª ed.). São Paulo: Boitempo.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. (23ª impressão) (original de 1961). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Jota Quest (2014). *Dentro de um abraço* [vídeo]. Compositores: PJ/Flausino/Barnes/Martha Medeiros. Intérprete: Rogério Flausino. [Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/jota-quest/dentro-de-um-abraco.html>]
- Latour, B. (2020). *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. Quais as atividades agora suspensas que você gostaria de que não fossem retomadas?* En Laboratório de Sensibilidades. [Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2020/03/31/bruno-latour-imaginar-gestos-que-barrem-o-retorno-da-produccao-pre-crise-quais-as-atividades-agora-suspensas-que-voce-gostaria-de-que-nao-fossem-retomadas/>]
- Layrargues, P. P. (2017). Antiecológismo no Brasil: reflexões ecopolíticas sobre o modelo do desenvolvimentismo-extrativista-predatório e a desregulação ambiental pública. En M. M. D. Oliveira, M. Mendes, C. M. Hansel e S. Damiani (Org.). *Cidadania, Meio Ambiente e Sustentabilidade* (pp. 325-356). Caxias do Sul: EDUCS.
- Lowy, M. (2020, jan./mar.). XIII Teses sobre a catástrofe iminente (ecológica) e as formas (revolucionárias) de evitá-la, *Movimento: crítica, teoria e ação / Movimento Esquerda Socialista*, ano 5, 1(16), 10-15.
- Merleau-Ponty, M. (2012). *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac Naify.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *A Fenomenologia da Percepção*. (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Tópicos).
- Merleau-Ponty, M. (2013). *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify.
- Moore, J. (Ed.). (2016). *Anthropocene or Capitalocene?*. Oakland: PM Press.
- Pereira, V. A. (2016). *Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos*. Juiz de Fora: Garcia Edizioni.

- Rabimov, S. (2020). *20 Fashion brands getting most creative with coronavirus face masks*. [Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/stephanrabimov/2020/04/27/20-fashion-brands-getting-most-creative-with-coronavirus-face-masks/#4295821d7599>]
- Santos, B. S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Sato, M. (2020). *Os condenados da pandemia*. Cuiabá: GPEA e Ed. Sustentável.
- Sato, M., Gauthier, J. e Parigipe, L. (2005). Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. En M. Sato e I. C. Carvalho. *Educação Ambiental: pesquisa e desafios* (pp. 99-117). Porto Alegre: Artmed.
- Seixas, R. e Roberto, C. (1977). *O dia em que a Terra parou*. [vídeo]. Compositores: Raul Seixas e Cláudio Roberto. Intérprete: Raul Seixas. [Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/o-dia-em-que-a-terra-parou-raul-seixas-analise>].
- Seixas, R. (1973). *Metamorfose Ambulante*. [vídeo]. Compositor e intérprete: Raul Seixas. [Disponível em: <https://musicasbrasil.wordpress.com/2010/06/03/metamorfose-ambulante-raul-seixas/>]
- Styron, W. (2012). *A escolha de Sofia*. (3ª ed.). São Paulo: Geração Editorial.
- Walsh, C. (2017). Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial. En C. Walsh. *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir* (Tomo II, pp. 17-48). Quit-Equadro: 1era. edición: EdicionesAbya-Yala.